

## CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA

A CASA

11 e 18 de Março de 2026

### AGATHA OU LES LECTURES ILLIMITÉES / 1981

*um filme de* MARGUERITE DURAS

*Argumento e Realização:* Marguerite Duras *Fotografia* (35 mm, cor): Dominique Le Rigoleur, Jean-Paul Meurisse *Som:* Michel Vionnet *Música:* valsas de Brahms *Montagem:* Françoise Belleville *Misturas:* Dominique Hennequin *Interpretação:* Bulle Ogier, Yann Andréa (também voz), Marguerite Duras (voz).

*Produção:* Productions Berthemont, INA-Institut National de l'Audiovisuel, Les Femmes Filment (França, 1981) *Cópia:* DCP, cor, legendada electronicamente em português, 83 minutos *Estreia Mundial:* 7 de Outubro de 1981 *Inédito comercialmente em Portugal, Primeira exibição em Portugal:* Festfigueira 1982 *Primeira exibição na Cinemateca:* 5 de Março de 2010 ("Marguerite Duras – A Cor da Palavra").

---

Filmado no Inverno de 1980 na costa da Normandia, em Trouville, na praia e no hotel des Roches Noires, que Marguerite Duras referiu como "o mais belo estúdio de cinema" associando-o à imagem recorrente no seu cinema da câmara escura, AGATHA OU LES LECTURES ILLIMITÉES é um filme luminoso. Tem a luz da praia reflectida na areia banhada pelo azul do mar fora de época estival, nublada e pontuada por uma gama de nuances, uma luz marinha. Mais cristalina nos planos exteriores (desertos, da praia), mais filtrada nos planos interiores (do hotel, cenários vazios ou habitados pelos vultos de Bulle Ogier e Yann Andréa, além da fugaz presença de um operador de câmara na profundidade de campo de uma das imagens), a luz de AGATHA é interrompida a espaços por "flashes" a negro.

Pode notar-se que estes planos a negro, breves, inscrevem-se para melhor dar a ver a luminosidade de AGATHA. E faz sentido defender que a sua aparição, em momentos breves, é a intromissão neste filme de L'HOMME ATLANTIQUE, filmado no mesmo ano, com o mesmo actor, retomando imagens de AGATHA, mas célebre pelos planos a negro que ocupam grande parte da sua duração. O negro que, em Duras, vem de LE CAMION (1977), toma conta da banda imagem de L'HOMME ATLANTIQUE, o que, à posteriori, parece anunciar-se em AGATHA. Não é usual associá-los a um díptico na obra de Duras e não o serão no mesmo sentido de INDIA SONG / SON NOM DE VENISE DANS CALCUTTA DÉSERT (1975/76), mas a ligação é estreita e parece certo que, no conjunto da obra, a linguagem cinematográfica de Duras assume aqui um momento "explosivo", portanto simultaneamente culminante de um percurso e, pela radicalidade assumida, fundador. L'HOMME ATLANTIQUE radicaliza o gesto. Em AGATHA há os relances-interrupções a negro e há os planos em que a imagem do texto se impõe, desde logo o de abertura, mas voltando recorrentemente ao longo do filme, como se em determinados momentos só a palavra (na imagem) pudesse rimar com a palavra (da voz "off"). Assim olhados, ambos os filmes levam a um a sua atitude cinematográfica limite "explosivo". Por outro lado, de reflexos se trata.

O próprio conceito de reflexo é, em AGATHA, nevrálgico. É lá que o filme vai dar, nesse último plano, aproximado, do reflexo vertical das estacas no motivo horizontal da água da beira-mar. É para lá que todo o filme tende, formalmente construído em imagens que se reflectem (o grande espelho do átrio do hotel, as simetrias da composição dos planos), em enquadramentos que insistem nessa mesma ideia, na convocação de dois duplos (dois protagonistas na banda imagem, dois protagonistas na banda som) e, evidentemente para quem está familiarizado com o cinema de Duras, nos dois níveis de entendimento da imagem de protagonistas mudos e do som habitado pelas vozes de protagonistas invisíveis – que em AGATHA os dois se justaponham é uma hipótese mas não chega a ser uma certeza, mesmo se no caso masculino a ambas as presenças

corresponde o mesmo actor. É também na ideia do reflexo que o filme assenta narrativamente, contando a história de dois irmãos sempre descritos como semelhantes e do seu amor proibido de adolescência. A vez no hotel des Roches é um derradeiro encontro, que vive da memória da história desse amor incestuoso há muito terminada, quando separaram e casaram irmão e irmã enterrando o escândalo no não dito, naquilo que se ultrapassa por negação. Para reviverem a memória dela, adultos, os dois irmãos procuram um hotel deserto que lhes lembra a casa onde cresceram.

Duras publicou o texto no mesmo ano de 1981. Ao que se sabe, é inspirado no *Homem Sem Qualidades* de Musil e na relação incestuosa entre Ulrich Heimer e a sua irmã Agatha, e também devedor da própria biografia de Duras, que, aliás, a integra no texto em indicações expressas à experiência colonial da infância passada na Indochina francesa. Bastaria notá-lo, mas são conhecidos outros dados. O da relação umbilical que Duras manteve com o seu próprio irmão nessa infância colonial vivida a três por ela, pelo irmão e pela mãe (o mesmo trio evocado em AGATHA). O facto de AGATHA ser filmado em Trouville, onde Duras tinha uma casa e onde, um ano antes do filme, conhecera Yann Andréa, companheiro de dezasseis anos de uma relação amorosa tocada pela diferença de idades, pela juventude e pela homossexualidade de Y.A., como Duras lhe chamava. E o facto de Y.A. ser seu actor em dois filmes. Exactamente AGATHA e L'HOMME ATLANTIQUE (os penúltimo e ante-penúltimo da obra cinematográfica de Duras fechada ainda nesses anos 1980 iniciais com DIALOGO DI ROMA e LES ENFANTS). São pistas possíveis para aceder a algumas portas. Mas o mistério de AGATHA está naturalmente "alhures".

O que volta a levar-nos ao *reflexo*. Não por acaso, AGATHA é um filme de ecos, de janelas e de espelhos. Fantomática como as personagens (que muitas vezes partilham o mesmo plano, lado a lado, ou atravessam o mesmo espaço, mas salvo erro nunca se cruzam e sobretudo nunca cruzam o olhar), a infância é a sombra feliz de AGATHA. O lugar dela é o do espaço exterior e o da vila Agatha que o texto traz para dentro do hotel des Roches, nele encerrando as duas personagens-reflexo dos irmãos. Deles é o espaço interior, fechado, com vista – mas apenas com vista – para a esplendorosamente invernal paisagem marítima da praia. O hotel é o seu único cenário, só uma vez a personagem masculina se abeira de uma janela aberta, mas detendo-se no umbral da varanda. A praia e o mar só lhes estão acessíveis nessa medida, como vista. A memória de um lugar onde foram felizes. Talvez por isso, talvez nesse sentido, Duras tenha dito que AGATHA foi o único filme em que escreveu sobre a felicidade.

Encontramo-la no que descrevemos como a luminosidade do filme, nessa confluência de tempos, lugares, dispositivo. As personagens que vemos figuradas como vultos existem mais carnalmente no etéreo das palavras que a câmara fixa de perto ou pelas quais desliza nos planos das letras sobre fundo branco. Em campo, são espectros contemplativos das suas próprias profundezas face à largura da paisagem exterior da praia e do mar, também eles deambulantes pelos tempos desmultiplicados do filme. Pascal Bonitzer escreveu sobre AGATHA como um filme que, à semelhança de uma narrativa policial, reconstitui um momento feliz, para o fazer perdurar. É uma boa expressão, na qual cabe o entendimento do passado recluso no hotel e da eternidade das imagens do mar. O modo presente do tempo intervém uma única vez em AGATHA, no perturbador plano em que vemos surgir um operador de câmara, em imagem nublada, no fundo de um enquadramento marcado pela profundidade de campo e pela imagem reflexiva dos espelhos. É um momento que guarda no filme a sua rodagem, ou a memória dela, sempre jogando nessa abertura em "trompe l'oeil". Não esqueçamos que AGATHA é também o filme *das leituras ilimitadas*.

Maria João Madeira